

Vinte anos de água, trabalho e amor: o exemplo de dona Clemilda e seu Antônio

No sertão cearense, no distrito de Ummari, município de Morada Nova, vive dona Clemilda e seu Antônio, casal de fala mansa e memória viva. A história dos dois se confunde com o início do Programa Um Milhão de Cisternas, um marco na convivência com o Semiárido. Foram uma das primeiras famílias a receber uma cisterna de 16 mil litros no começo dos anos 2000 e, mais de vinte anos depois, ainda a utilizam com gratidão e cuidado.

Desde então, ela segue de pé, guardando a água e as lembranças de uma época em que cada gota significava esperança. “Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. E ainda tá aqui, firme, me servindo até hoje”, diz Clemilda, com orgulho. “Só rachou uma placa em cima, mas eu cuido direitinho. Limpo, tampo e conserto quando precisa. E ela segue boa, como no começo.”



Clemilda e Antônio ao lado da cisterna de 16 mil litros

E, depois de duas décadas convivendo com a “primeira água”, usada para beber e cozinhar, a família acaba de conquistar um novo motivo pra celebrar: a chegada da cisterna calçadão, que vai garantir água também para produção de alimentos e criação de animais.

Hoje, quem conta a história são eles, junto dos filhos, que cresceram sem precisar carregar água nos baldes, mas com o mesmo amor e respeito pela água que moldou a vida dos pais.

Antes da água: o tempo do esforço

Dona Clemilda nasceu e cresceu em Ummari, no mesmo pedaço de terra onde vive até hoje. Filha de agricultores, ela sempre morou cercada pela família. A casa dos pais ainda fica logo ali ao lado, a poucos metros do quintal onde hoje estão suas cisternas. “Eu nunca saí daqui, sempre vivi nesse chão. Me criei vendo meu pai e minha mãe lutando pra ter água e criar a gente. Era tudo no esforço, mas a gente vivia feliz”, conta.

O destino quis que o amor também morasse por perto. Seu Antônio Vieira Medeiros vivia em uma casa próxima, na mesma comunidade. Os dois se conheceram num forró de final de semana, daqueles animados de antigamente, e desde então não se separaram mais. Quando se casaram, ainda nos anos 90, o casal levantou uma casinha de taipa, feita com barro, madeira e muita vontade de começar uma vida juntos. “Era simples, mas era nossa. Fizemos do jeitinho que dava”, lembra ela.

Naquele tempo, a seca ainda mandava no sertão. “A gente buscava água no açude, de bicicleta ou de carroça. Era longe, pesado, e a água vinha suja. Às vezes o bicho fazia xixi dentro e era aquela mesma que a gente tinha que beber. Era o que tinha.” A chegada da cisterna, em 2001, mudou tudo. “Foi uma virada na nossa vida”, diz seu Antônio. “Não tinha máquina pra cavar, foi tudo na marreta, no braço. Era quente, difícil, mas a vontade de ver a água ali pertinho era maior”.

Com o tempo, o esforço de trabalhar e cuidar do que é seu transformou o terreno. Onde antes existia a casa de taipa, agora se ergue uma construção sólida, com sala grande, cozinha ventilada e um alpendre onde a família se reúne. Dona Clemilda mostra com orgulho cada cantinho, e faz questão de mostrar também o sistema de água encanada, que traz a água direto do Açude do Batente pra dentro da casa.

“Hoje a gente abre a torneira e tem água limpa. Eu lembro bem do tempo em que era tudo no balde. Agora, é só abrir a torneira e a água vem”

Clemilda em sua horta



A cisterna que dura porque foi bem cuidada

A cisterna que chegou em 2001 ainda é usada todos os dias. E não é por sorte: é fruto de muito zelo e manutenção constante. “A gente aprendeu direitinho como cuidar. Nunca deixo a tampa aberta, tampouco bem pra não entrar sujeira nem bicho. E quando precisa, a gente limpa o fundo, tira o lodo e deixa secar antes de encher de novo”, explica Clemilda.

Mesmo depois de tanto tempo, o sistema ainda funciona perfeitamente. “Ela segura bem a água. Quando chove, enche direitinho. A gente usa pra beber e cozinhar. A gente distribui pros vizinhos se for preciso, mas nunca faltou.”, ela fala com orgulho de como o cuidado virou rotina.

Seu Antônio, que ajudou a cavar o buraco da primeira cisterna com o irmão, lembra bem do trabalho. “A gente cavou na marreta, na enxada, no braço mesmo. Foi cansativo, mas valeu a pena. Porque até hoje ela tá aí, firme, guardando a água da gente.”



Clemilda cuidando de seu pé de pimenta

“A gente faz a limpeza todo fim de ano, é sagrado.”



Clemilda na cisterna calçadão

Hoje, dois dos três filhos do casal ainda moram na casa com eles. A filha mais velha já casou e mora fora, mas Gisele, de 20 anos, e o irmão mais novo cresceram vendo os pais cuidarem da cisterna com o mesmo cuidado de quem zela pela família.

“Eu nem consigo imaginar como era antes. Acho mais fácil ter a cisterna aqui, bem do lado. Quando precisa, meu pai tira a água e a gente tem tudo à mão. É natural pra mim, mas sei que antes era difícil demais”, conta Gisele

Agora, Gisele quer seguir os passos da mãe no cuidado com a terra. “Quero ajudar a plantar e ver o quintal crescendo. Aqui é difícil, mas dá pra viver bem. A gente tem água, tem terra e tem vontade.”

Ela fala com orgulho do esforço dos pais: “Eles contam que, quando eram jovens, a vida era só trabalho e seca. Hoje a gente tem água, comida e tranquilidade. Isso é o que mais importa.”



“Sempre falo pros meus filhos que hoje a vida é boa. É boa por causa da facilidade da água.”

A segunda água: esperança que renasce

Depois de mais de duas décadas usando a primeira cisterna, a família recebeu uma nova tecnologia social: a cisterna calçadão, que vai armazenar a “segunda água”, usada pra produção e criação de animais. “Agora eu quero ver meu quintal verdinho de novo. Já tenho uns pés de banana, pimenta e palma, e quero aumentar. Dá pra plantar coentro, cebolinha, tomate, e cuidar melhor dos porcos e das galinhas. Vai ser uma bênção”, diz Clemilda, animada com os planos.

Ela vê nessa nova conquista a continuidade do mesmo sonho que começou lá atrás. “A primeira cisterna me deu descanso, sossego. Essa agora vai trazer fartura.”

A casa de tijolo com alpendre, a cisterna de duas décadas e os planos de plantar formam o retrato vivo de uma história que é, acima de tudo, de resistência e cuidado. No quintal de dona Clemilda, o tempo parece correr diferente. Entre o barulho dos bichos e o som da água caindo no balde, há a certeza de que o futuro se constrói assim: com paciência, com mãos firmes e com cuidado.

“Essa cisterna foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Tá comigo há mais de vinte anos, firme e forte. A gente cuidou dela, e ela nunca faltou com a gente.”